



Ubuntu como ontologia do ser social

Icaro de Araujo Juriti

A intenção deste trabalho é pensar ubuntu como uma ontologia do ser social, fazendo isso através da apresentação da ontologia ubuntu, posteriormente um diálogo com ontologias do ser social, a saber, de Marx e Lukács, e em contrapartida, propor sua própria ontologia do ser social, mudando o foco da questão central da existência da humana.

Umuntu Ngumuntu Ngabantu, máxima presente em culturas de língua Bantu, no sul da África, pode ser traduzido de algumas maneiras, as mais populares dentre elas “Eu sou porque você é”, “Eu sou porque Nós somos”, “Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas” ou ainda, de forma mais extensa, “Minha humanidade é construída quando me encontro em relação com outros humanos”, é um fundamento filosófico presente na maior parte do pensamento de povos africanos, e que pode ser encarado como uma cosmovisão ou cosmo experiência da realidade humana que nos oferece uma potente gama conceitual para interpretar a realidade a partir das relações (NOGUERA, 2011).

As bases fundadas em Ubuntu, possibilitam o surgimento de uma ética, uma política, uma epistemologia, e principalmente, uma ontologia, área da filosofia responsável pelo estudo do ser, dentro dessa cosmovisão, o Ser em questão está sempre num estado de relação com o outro, o Eu é também o Outro, e o Outro é também o Eu, cada Ser se constitui através das relações estabelecidas, ele é, enquanto todos são. Nessa perspectiva o Ser encontra-se em constante estado de interdependência, formando uma verdadeira teia, que se estende não só às relações imediatas circundantes, mas também em relação com os antepassados, aquilo que está morto, o que se foi, o passado, e também com aquilo que está por vir, os que ainda não nasceram, o ímpeto criador, a noção de continuidade, o que será deixado e, com isso, uma noção de finalidade da vida individual, mas continuidade da obra conjunta da comunidade. Nessa perspectiva o Ser só pode ser compreendido através das suas relações e do lugar que ocupa nesta teia. (RAMOSE, 1999).

A potencialidade de Ubuntu enquanto ontologia é vasta e muito profunda, não podendo ser esgotada num único artigo, no entanto, aqui ela surge justamente como potencialidade, como perspectiva que carrega um conhecimento ancestral que pode estar em ação desde que os primeiros povos africanos existem, remontando até as mais antigas civilizações, claro que é apenas uma hipótese de alguns teóricos, como Mogobe Ramose, importante filósofo da área. O que se sabe de forma concreta é do Ubuntu hoje, e hoje o Ubuntu se mostra como uma de muitas possíveis ontologias, num momento onde a filosofia contemporânea busca por novas formas de pensar o homem e a realidade, em outras palavras, novas ontologias, como afirma Vélez León (2014):

Esse crescente interesse da filosofia contemporânea em fazer ressurgir as questões ontológicas clássicas ‘o que há’, ‘o que existe’, ‘o que é’, nos levou, como esperado, a novas e incomuns estradas, que, em grande proporção, são traduzidas hoje em dia como uma proliferação de ‘ontologias’ e batalhas sem fim para determinar que tipo de ‘entidades’ estudam seus respectivos ‘domínios’, que por sua vez são considerados autônomos e independentes entre si (VÉLEZ LEÓN, 2014, p. 360).

No entanto, Ubuntu tem pouco de uma perspectiva autônoma e independente no sentido de estar descolada de outros conceitos ou de outras filosofias, a própria ideia da filosofia Ubuntu é a construção através da relação, do diálogo, da troca, sendo impossível a compreensão deste Ser em isolado. A própria mística africana é pautada na harmonia entre diferentes elementos. Prova disso é que Ubuntu é um conceito dentre conceitos, e sua compreensão de forma integral só se dá numa totalidade, em diálogo com outros conceitos, como por exemplo, Umuntu, que é a categoria humana da qual Ubuntu é apenas uma parte, Ubuntu em si poderia ser compreendido como *humanidade*, que faz parte deste Umuntu que seria o *humano*, no entanto esta humanidade é um processo, não uma categoria, é o Ser construído continuamente, poderíamos até mesmo fazer paralelos com o Devir, o Vir a ser, o Dasein, e outros conceitos filosóficos, justamente porque Ubuntu pressupõe o diálogo, a relação, e essa relação compreende a troca de conhecimento também, mesmo entre sistemas diferentes de conhecimento. E talvez esteja aí um dos grandes diferenciais dessa cosmovisão, ela não se encerra em si mesma, mas está sempre em constante relação, a sua realização se dá na relação (RAMOSE, 1999).

Até aqui foi explorado Ubuntu enquanto ontologia, mas seria possível pensar Ubuntu como uma ontologia do ser social? Para explorarmos isso é preciso antes de tudo pensar o que seria exatamente uma ontologia do ser social e o que a diferencia de uma ontologia, neste ponto, Bakker e Gill (2003) são fundamentais:

Ontologia, em um sentido filosófico, envolve o estudo da natureza da existência do ser, dado que o ser é o constituinte primário da realidade. Uma ontologia social é a

conceitualização dos constituintes primários do ser social e, assim, envolve uma especificação da relação entre suas unidades primárias constituintes, elementos ou forças constitutivas. No entanto, é importante enfatizar que uma ontologia social é um processo histórico e humano, um processo que envolve a agência humana na criação das instituições e estruturas da vida social em um período dado. Uma ontologia social é, assim, um processo associado com a reprodução e transformação das estruturas dominantes e subordinadas do pensamento e da prática em um dado período histórico. Assim, sua especificação deve necessariamente ser condicional e aberta (BAKKER e GILL, 2003, p. 19). p. 18

A partir deste trecho, é possível encarar a relação de Ubuntu com uma ontologia do ser social de duas formas. A primeira é inexistente, afinal Ubuntu não discute relações de dominação, nem instituições, ou estruturas sociais de um tempo específico, sendo assim, seria impossível uma ontologia social partindo dela. Porém, a segunda forma seria partindo da anterioridade conceitual do que seria esse social posto, e dos constituintes primários do ser social, como bem colocou Bakker e Gill (2003), ao falarem sobre as relações entre as unidades básicas constituintes do social e de suas forças constitutivas, ou seja, o Ubuntu ao oferecer uma nova perspectiva de social e da natureza das relações que constituem esse social, encontra, aí sim, uma ontologia do ser social.

Uma boa maneira de pensarmos Ubuntu dessa forma é pondo-a em diálogo com outras ontologias do ser social, para iniciar, pode-se mencionar um aspecto da natureza relacional de Ubuntu, que é o conceito de humanidade dos povos Bantu, que não se encontram restritos ao ser humano, mas também à tudo que de alguma forma interage com a humanidade, as coisas do universo, orgânico ou inorgânico, do qual o humano cria uma relação ganham caráter de humanidade, é como se não houvesse uma linha de separação entre humano e natureza, e, sendo assim, esses elementos entram na construção da humanidade, uma humanidade nunca em separado da natureza (LE GRANGE, 2015). Nesse ponto há uma forte aproximação, de caráter materialista, com a filosofia materialista-dialética de Marx (2010):

Plantas, animais, pedras, ar, luz etc. formam teoricamente uma parte da consciência humana, em parte como objetos da ciência natural, em parte como objetos da arte (...), formam também praticamente uma parte da vida humana e da atividade humana. (...) Praticamente, a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico (...). O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não

tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2010, p. 84).

Também pode ser compreendido que homem e natureza estão em constante estado de relação, que o homem faz parte da natureza e a natureza faz parte do homem, se constituindo e transformando mutuamente, ou seja, Ubuntu. Para além do caráter materialista, Ubuntu também se aproxima e dialoga com a teoria marxiana em sua forma histórica, afinal, como dito anteriormente, as relações apontadas em Ubuntu não são apenas àquelas imediatas, mas também, às construídas historicamente, na imagem dos antepassados, e a construção de uma realidade futura, na figura dos que ainda não nasceram, sendo assim, a humanidade em Ubuntu é também uma construção histórica e compreende a temporalidade dessa humanidade em processo (LE GRANGE, 2015). Mészáros (2006), coloca de forma muito adequada o sentido da historicidade em Marx, e nesse trecho é possível perceber a aproximação com Ubuntu, principalmente ao pensar essa humanidade como um processo de construção através das relações, também históricas:

O sistema marxista (...) é organizado em termos de uma teleologia inerentemente histórica – ‘aberta’ – que não pode admitir ‘fixidez’ em nenhuma fase. (...) O ‘objetivo’ da história humana é definido por Marx em termos da imanência do desenvolvimento humano (...), ou seja, como a realização da ‘essência humana’, da ‘humanidade’, (...) por meio da ‘auto-atividade prática do homem’ (MÉSZÁROS, 2006, p. 111).

É claro que não existem apenas semelhanças e aproximações entre Ubuntu e Marx, talvez a diferença mais marcante seja a primazia ontológica do trabalho. Marx (2010) e demais autores marxianos, como é o caso de Lukács (2012), definem o trabalho como a diferença humana fundamental em última instância para a construção da humanidade enquanto tal:

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, todavia, é um processo dialético, que começa com um salto, com a posição[der Setzung, o pôr] teleológica no trabalho, para a qual não pode haver nenhuma analogia na natureza (LUKÁCS, 2012, p. 286-287).

Enquanto que em Ubuntu, essa primazia se encontra nas relações, em todas as relações, também as de trabalho, mas não apenas. Toda e qualquer relação estabelecida pela humanidade é constituidora dela, produza algo ou não, o simples ato de relação já é o processo de produção da realidade e da própria humanidade (RAMOSE, 1999). Porém, essa diferença não é suficiente para desclassificar o Ubuntu da categoria de ontologia do ser social, muito pelo contrário, é justamente essa diferença que a possibilita ser encarada como tal, pois é a partir dela que uma nova categoria ontológica se põe e pode ser levada

em consideração. Além do mais, essa diferença não faz com que as teorias excluam uma à outra. Inclusive se adotarmos uma definição ampla de trabalho, onde trabalho seria qualquer atividade produtora, reprodutora ou transformadora, seja em âmbito material ou imaterial-simbólico, e também se adotarmos uma perspectiva onde toda relação produz algo, nem que seja uma impressão mental, sentimentos, uma palavra, uma forma de pensamento, uma ferramenta, uma receita que seja, relação e trabalho entrariam num âmbito de equivalência conceitual, já que todo trabalho pressuporia uma relação, qualquer que seja, e toda relação pressuporia um trabalho, ao sempre produzir algo, qualquer que seja. Obviamente esse exercício conceitual demandaria mais amadurecimento e aprofundamento, no entanto seria uma forma interessante de dialogar ainda mais a teoria marxiana com Ubuntu e com outras formas de ontologia do ser social.

Levando tudo isso em consideração, acredito que Ubuntu oferece bases para a construção de uma outra ontologia do ser social, com um novo marcador ontológico, com uma nova perspectiva de social e dos seres que constituem essa socialidade, no entanto, essa ontologia do ser social em Ubuntu ainda se encontra em potencialidade, é preciso que haja um trabalho filosófico voltado para o tema, uma real oficina de construção conceitual para forjar tal ontologia, como feito por Lukács ao desenvolver suas Ontologias do Ser Social I e II a partir do legado deixado por Marx.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKKER, Isabella e GILL, Stephen. “Onthology, Method and Hypotheses”. In: BAKKER, Isabella e GILL, Stephen. **Power, production and social reproduction: human in/security in the global political economy**. New York: Palgrave Mcmillan, 2003.

LE GRANGE, Lesley. Ubuntu/Botho como uma ecofilosofia e ecosofia. Tradução para uso didático de LE GRANGE, Lesley. Ubuntu/Botho as Ecophilosophy and Ecosophy. **Journal of Human Ecology**, 49(3), 2015.

LUKÁCS, Györg. Para uma ontologia do ser social I. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: **Boitempo**, 2012.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Ed. **Boitempo**, 2010. [1844]

MÉSZÁROS, ITSVÁN. A teoria da alienação em Marx. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: **Boitempo**, 2006.

NOGUERA, R. UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, v. 3, n. 6, nov. 2011 – fev. 2012, p. 147-150.

RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. **Harare: Mond Books**, 1999, p. 49-66.

VÉLEZ LEÓN, Paulo. “Consideraciones historiográficas para una historia de la ontología”. **Valencià de Filosofia**. Valencia: 2014.

Autor:

Icaro de Araujo Juriti

Graduado em Psicologia, especialista em filosofia contemporânea e mestrando em ciências sociais

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9306728137546003>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8599-1826>